

Condição jovem: juventude e ensino médio no Brasil

Marta Wolak Grosbaum*
Ana Maria Falsarella**

*(Ideias Educação e Cultura, São Paulo, SP)

**(Universidade de Araraquara, Araraquara, SP)

Resumo: O artigo trata do tema “condição jovem”, um dos aspectos abordados na pesquisa “Políticas para o ensino médio: o caso de quatro estados”, desenvolvida pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) e a Fundação Tide Setubal entre 2015 e 2016 em escolas estaduais de ensino médio nos estados do Ceará, Goiás, Pernambuco e São Paulo. O texto parte da exploração teórica e legal sobre juventude e sobre ensino médio para analisar o discurso e representações dos estudantes sobre escola, juventude e futuro, levantadas por meio de entrevistas coletivas. Concluiu-se que o jovem recebe influências culturais e sociais não passivamente, mas interpretando-as à luz dos valores dos grupos aos quais pertence. Isso possibilita diferentes modos de construção identitária, o que confirma ser mais adequado falar em “juventudes”, já que inexiste um só perfil do jovem brasileiro que frequenta o ensino médio.

Palavras-chave: Juventudes. Territórios vulneráveis. Contexto escolar. Ensino médio público.

APRESENTAÇÃO

É histórica, no Brasil, a oscilação do ensino médio entre a preparação para o ingresso no ensino superior e a profissionalização. No momento atual, o Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado em 2014 (BRASIL, 2014), traçou metas voltadas à universalização do atendimento à população dos 15 aos 17 anos, ao alcance de médias cada vez mais elevadas no Índice de Desenvolvimento da Educação (Ideb)¹ e à expansão da oferta da educação profissional (respectivamente Metas 3, 7 e 11).

No entanto, parece mais fácil traçar metas do que alcançá-las, o que implica a superação de um quadro especialmente desafiador: a oferta educacional a jovens pobres, moradores de territórios vulneráveis econômica e socialmente, localizados principalmente nas periferias das grandes cidades, e também, segundo observamos, em localidades menores e com maior índice de ruralidade.

A noção de vulnerabilidade social tem sido amplamente utilizada para pensar as condições de vida das famílias urbanas. Essa noção, diferentemente da ideia de pobreza, restrita à insuficiência de renda, implica uma análise multidimensional do problema que envolve a estrutura de oportunidades disponíveis para as famílias em um determinado território, os riscos a que estão expostas, os recursos que dispõem para aproveitar essas ofertas e a capacidade de construir estratégias para defender-se desses riscos (GARRAFA, 2016, p. 28).

No Brasil, a maioria dos jovens matriculados no ensino médio o está em escolas públicas que, muitas vezes, por diferentes e acumulados motivos, alcançam resultados pouco satisfatórios quanto à aprendizagem dos alunos.

A articulação entre as políticas públicas é fundamental para tornar mais eficientes as ações dos vários âmbitos envolvidos no atendimento e proteção à população jovem. Não é o que acontece no Brasil. Os problemas observados quanto à juventude e ensino médio podem ser assim resumidos: não temos no país uma política de sucesso com foco na juventude, que integre diferentes setores (esportes, cultura, assistência social e saúde) com centralidade na educação. Os dados quantitativos sobre educação mostram escolas públicas

¹ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em 2007. O indicador é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e médias de desempenho nas avaliações de larga escala do Inep, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) – para as unidades da federação e para o país, e a Prova Brasil – para os municípios. Apresenta, segundo o Inep, a possibilidade de resultados sintéticos, facilmente assimiláveis, e que permitem traçar metas de qualidade educacional para os sistemas (<http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/o-que-e-o-ideb>).

com altos índices de evasão e repetência e baixos níveis de aprendizagem. Por outro lado, os currículos se mostram distantes da realidade dos jovens, dos territórios onde vivem e das questões do mundo contemporâneo. A formação docente deficitária, aliada à falta de professores habilitados nas disciplinas que lecionam, complementa o quadro de desafios a serem superados. Apontamos a necessidade de a escola (re)conhecer sua própria identidade para que possa entender e atender as diversas juventudes que circulam por seus espaços e mantemos, como elemento que ainda demanda estudo e aprofundamento, a velha questão da dicotomia do perfil propedêutico e/ou profissional do ensino médio. Como afirma Krawczyk (2014):

A falta de consenso em torno da dualidade na identidade do ensino médio (formação geral e/ou profissional); os movimentos constantes de reforma na sua estrutura, ao longo do século XX, passando de uma organização única a uma organização com orientações e vice-versa; e as demandas constantes para inclusão e/ou exclusão de novos conteúdos no currículo são exemplos das tensões em torno desse nível de ensino nos diferentes países (KRAWCZYK, 2014, p. 17).

Apesar dessa situação perturbadora e há muito conhecida, existem escolas públicas que se destacam pela oferta de um bom ensino.

O presente texto é um produto da pesquisa “Políticas para o ensino médio: o caso de quatro estados”, no qual foi priorizada “a voz dos alunos” de escolas públicas estaduais como foco de abordagem. Ele está dividido em duas partes. A primeira, de caráter exploratório e bibliográfico, foi desenvolvida como aporte ao estudo e análise dos dados levantados na pesquisa de campo no que tange ao eixo juventude. Foram sistematizadas conclusões de estudos teórico-acadêmicos sobre a juventude em geral e sobre a juventude brasileira em especial, nos seguintes aspectos: homogeneidade versus heterogeneidade juvenil, inexistência de um “jovem-padrão”, influências socioculturais que afetam os jovens, espaços do conhecimento, paradoxos sociais postos à juventude no mundo atual, universo juvenil e espaço escolar, a escola de ensino médio, o olhar do jovem sobre essa escola.

A segunda parte apresenta uma síntese dos dados coletados em campo por meio de entrevistas coletivas com grupos de alunos do 2o ano do ensino médio sobre o que pensam os adolescentes e jovens que frequentam escolas públicas de ensino médio.

Nos comentários finais são apresentados alguns elementos persistentes nos depoimentos dos estudantes, tais como: o ensino médio visto como “ponte” para a universidade e bons empregos; a preocupação com o futuro e a realização pessoal; a consciência das pressões sociais que recaem

sobre eles; e os papéis centrais dos professores no estímulo aos estudos e dos gestores na criação de um ambiente escolar agradável. Destacamos a ausência de um olhar mais crítico sobre as questões sociais que os envolvem e podem limitar seus projetos de futuro. O que vigora é a ideologia do mérito, do dom e do esforço pessoal. Concluímos destacando a continuidade que observamos na identidade propedêutica do ensino médio, preparatória para o ensino superior, mas ao qual poucos terão acesso.

PARTE 1: OS ESTUDOS SOBRE OS JOVENS E O ENSINO MÉDIO

Juventude: homogeneidade versus heterogeneidade

Ao explorarmos o tema “juventude” é preciso ter claro que estamos diante de construções histórico-sociais, de representações, variáveis no tempo e no espaço. Desse modo, concepções de juventude ganham diferentes nuances de acordo com a época, o espaço, o grupo social e as condições de vida. Atualmente, o conceito de juventude, assim como o de adolescência, diz respeito a um grupo social forjado na moderna sociedade capitalista, que passou a atribuir aos sujeitos, na transição da infância à idade adulta, um conjunto de características comuns que giram em torno do preparo para a inserção no processo produtivo e para assumir responsabilidades civis e sociais.

Geralmente, fala-se na juventude como se fosse uma categoria ampla, na qual coubesse toda e qualquer pessoa que se encontra na transição entre a infância e a idade adulta, como se todos os jovens tivessem as mesmas características e formassem um único bloco. Tal entendimento leva a equívocos.

Apesar de esse grupo social apresentar aspectos distintivos comuns, a concepção de juventude não é homogênea. Pelo contrário, abre possibilidade a múltiplas entradas, em face das diferenciações internas que o grupo apresenta, uma vez que os jovens unem-se em diferentes coletivos – comunidades, tribos, galeras, turmas – que lhes permitem diferentes modos de inclusão e de construção identitária. Como afirma Dayrell (2014):

As culturas juvenis, como expressões simbólicas da condição juvenil, se manifestam na diversidade em que essas se constituem, ganhando visibilidade por meio dos mais diferentes estilos, que têm no corpo e seu visual umas das suas marcas distintivas. Jovens ostentam os seus corpos e, neles, roupas, tatuagens, piercings e brincos, que explicitam a adesão a um determinado estilo, demarcando identidades individuais e coletivas, além de sinalizar um status almejado. Ganha relevância também a ostentação de aparelhos eletrônicos, principalmente os diferentes tipos de aparelhos de mp3 e de telefone celular. E aqui temos que chamar a atenção para a presença cada vez mais marcante da cibercultura e das redes sociais presentes na internet entre os jovens (DAYRELL, 2014, p. 116).

Abordar o tema, portanto, é andar sobre uma tênue linha divisória. Considerar a juventude como uma só categoria impede a visão das diferenças. Enfatizar demais as diferenças gera rotulações e discriminações.

Visões estereotipadas sobre adolescência e juventude têm sido criticadas, pois trazem embutida a ideia de que há predicados inerentes aos sujeitos. A perspectiva de que há uma “essência” que define a passagem da infância à vida adulta e que se consolidou como verdade incontestável não se sustenta se analisada mais profundamente, e leva a generalizações inconsistentes. É questionada justamente por desconsiderar uma questão absolutamente relevante: o contexto sociocultural do jovem, sua inserção histórica e suas condições objetivas de vida (OZELLA, 2002).

Assim, o “estar adolescente ou jovem” carrega significados atribuídos culturalmente. No Brasil, tais significados oscilam entre compreender ações da juventude como “coisas da idade” (nas classes média e alta), ou como problema e ameaça social (no caso dos jovens oriundos de famílias que vivem na pobreza). Cabe ressaltar que, atualmente, estudos sobre a condição dos jovens das camadas populares têm se ampliado em nosso país.

A preocupação do jovem com sua imagem marca a necessidade de distinção e, ao mesmo tempo, a adesão a determinada turma. Inclusive, há jovens e grupos cuja marca é a adoção de uma postura relaxada em relação à própria imagem, exatamente para mostrar sua não submissão aos imperativos da moda e aos apelos do mercado de consumo (CARVALHO; GROSBAUM; REGO, 2004). As culturas juvenis dão visibilidade à juventude. Dimensões simbólicas são utilizadas como forma de comunicação e expressas por meio de comportamentos e atitudes que posicionam os diversos grupos no cenário social.

Do exposto podemos concluir que não existe um perfil do “jovem padrão”. Variados são os grupos juvenis e cada um deles tem uma cultura peculiar, o

que tem levado os estudiosos do tema a falar em “juventudes”, não mais em uma única “juventude”.

A diversidade que caracteriza as diferentes culturas juvenis orienta práticas sociais, modos de ser e identidades. Rótulos, geralmente negativos, associados aos jovens atualmente, como por exemplo, de que seriam marcados pelo desinteresse, descompromisso, individualismo, alienação e consumismo, não passam de especulações.

Neste estudo, estamos considerando apenas uma parcela das juventudes brasileiras: aquela que é formada por jovens que frequentam escolas públicas situadas em territórios socialmente vulneráveis. Essa realidade específica não significa que os desafios e dilemas que esses jovens enfrentam não se aproximem, de certa maneira, dos vivenciados por jovens de outros grupos sociais. Em uma sociedade globalizada, muitos dilemas ultrapassam as barreiras de classe social (DAYRELL, 2007).

Dayrell (2007) destaca a ideia de “condição juvenil” ao tratar do tema, ideia que se refere à situação do jovem perante a vida e a sociedade e ao modo como essa sociedade constitui e atribui significado a esse momento da vida. A condição juvenil atual é construída em um contexto de profundas transformações econômico-sociais, em especial no mundo do trabalho, que atingem os jovens das camadas populares, delimitando seu universo de experiências e seu campo de possibilidades. A sofisticação tecnológica, como parte das mudanças, exige maior tempo de formação para a inserção dos jovens no mercado de trabalho.

Os jovens recebem influências socioculturais, mas não passivamente

É verdade que a ideologia do sucesso pessoal, baseada no consumo, influencia – de diferentes maneiras – jovens de todas as classes sociais. E os meios de comunicação de massa, ao veicular “modelos” de sucesso com base na posse de produtos, são decisivos na construção dos significados sociais da juventude, pois afetam a visão de mundo e de si mesmos que os jovens estão elaborando. A possibilidade de uma leitura crítica dos valores subliminarmente transmitidos juntamente com os modelos fica bastante limitada, o que não quer dizer que os jovens sejam totalmente passivos.

Como toda construção social², a ideologia do sucesso e consumo não é

² Resumidamente, podemos definir construção social como aquilo que é produto da interação social humana, o que é considerado como verdade no mundo social e na existência de cada sujeito pertencente a esse mundo. “Cada indivíduo, durante o

monolítica. As resistências ao imaginário do mercado podem ser de duas ordens. A primeira se dá pelo desprezo e pelo fastio com relação aos excessos que marcam a sociedade do consumo. A segunda se dá pela criação e negociação de alternativas que conciliem o viver na sociedade atual com valores mais sociais e menos individualistas (COSTA, 2004).

A entrada na vida adulta é, para os jovens, resultado de uma série de aprendizagens para as quais a escola contribui de modo ambíguo, uma vez que depende do currículo escolar, da gestão da escola, do comprometimento docente e das condições estruturais do sistema. É nesse contexto indeterminado e impreciso que ocorre a relação da juventude com a escola.

O conhecimento se espalha por incontáveis espaços

O conhecimento, antes sistematizado apenas em livros e bibliotecas, passou a circular em complexas redes que interligam a mídia tradicional (rádio, televisão, jornais) à mídia on-line, com sua tecnologia altamente sofisticada e a possibilidade de múltiplos acessos por meio de computadores e internet. A aceleração na criação, renovação e divulgação de informações – rapidamente superadas – envolve contínua atualização. Mais do que simples ferramentas, as novas tecnologias da informação e comunicação são verdadeiras tecnologias intelectuais, pois influenciam o próprio processo cognitivo humano (LÉVY, 2000).

Dispondo de inovadoras e instigantes formas de conhecer e compartilhar saberes, a civilização vai adquirindo diferente feição. Se melhor ou pior, só a história poderá dizer. É o que Bauman (2003) chama de “modernidade líquida”, uma sociedade de relações tão fluidas que parecem líquidas porque, mais do que frágeis, escorrem pelas mãos, dificultando a formação de laços mais profundos entre os seres humanos.

À escola é impossível manter-se alheia às tecnologias. Lado a lado com a instituição escolar ocorrem incontáveis possibilidades de aprendizagem não escolar. Tais espaços – presenciais ou virtuais – vão se mesclando aos modos tradicionais de ensinar, aprender, avaliar e gerir as escolas, não sem polêmicas e sobressaltos causados aos seus profissionais.

processo de socialização, constrói dentro de si representações acerca do mundo e da sociedade. Essas representações constituem, ao mesmo tempo, sua identidade pessoal, assim como permitem a existência e a manutenção das instituições sociais e, por conseguinte, a sociedade” (MAGALHÃES, 2004, p. 234). Trata-se de elos que unem os indivíduos em suas ações, valores e visões de mundo. Esses elos compõem, ao mesmo tempo, a identidade de cada indivíduo em sua particularidade e mantêm as instituições sociais, interpretadas segundo a internalização dos valores que sustentam a sociedade.

Embora a escola já não seja a principal instituição guardiã do conhecimento, responsável pela transmissão cultural de determinada sociedade, ela mantém sua função social de distribuição de oportunidades de acesso a esse conhecimento (FERNÁNDEZ ENGUITA, 2007), só que em novos parâmetros, incorporando o saber em movimento e o uso de novos instrumentos.

Paradoxos sociais postos à juventude

O ciclo vital se dá em uma sucessão que corresponde a etapas do desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social dos seres humanos e que define o lugar e o papel de cada qual na sociedade. Os contornos de cada uma dessas etapas (infância, juventude, idade adulta) são socialmente construídos, isto é, não há uma essência fixa e universal, visto que variam historicamente de sociedade para sociedade e dentro de cada sociedade conforme as diferenças internas a cada grupo ou estrato social. A juventude é a fase que corresponde à passagem de um período mais dependente, a infância, ao das responsabilidades da vida adulta.

A complexidade da sociedade moderna trouxe implicações para a aprendizagem de seus membros. A juventude se estendeu por mais alguns anos e ganhou mais importância e visibilidade. Por isso, considera-se que a conformação atual da juventude é construção da sociedade moderna, embora não seja processo homogêneo com relação às diferentes classes sociais. Vale lembrar que, com relação ao ensino médio, é longo o debate no Brasil sobre a orientação propedêutica à entrada na universidade, voltada às classes sociais mais abastadas, e o ensino profissional, voltado aos filhos das classes trabalhadoras, impasse esse que se busca superar até nossos dias.

De qualquer modo, é a etapa em que o indivíduo tem que ampliar seus horizontes para poder firmar-se como sujeito singular e estabelecer relações com a sociedade mais ampla, não somente um período de adiamento e preparação para o exercício social futuro. É nesse contexto que ganham importância os grupos, as turmas, as tribos, galeras³, que possibilitam o compartilhar de experiências, escolhas, definição das identidades e dos

³ Coletivos juvenis agregam jovens em diferentes campos (religião, esportes, movimentos sociais e culturais, torcidas de futebol, dentre outros). Inclusive, formam-se grupos voltados ao enfrentamento violento de outros grupos ou pessoas, com base em preconceitos, para demarcar territórios ou simplesmente para demonstrar poder. Nos anos 80, o filósofo francês Michel Maffesoli cunhou a expressão “tribos urbanas” (turmas, galeras, gangues), referindo-se a esses grupos juvenis cujo objetivo é formar redes com base em visões comuns da vida, interesses, hábitos, maneiras de vestir e de se comportar.

lugares a ocupar no mundo. Para o jovem, enturmar-se é muito importante, porque lhe possibilita ter proximidade com outros da mesma geração, que estão passando por processos e enfrentando desafios semelhantes.

O contexto atual produz para a juventude uma situação marcada por paradoxos na formação das expectativas dos jovens quanto ao seu futuro, em diferentes graus, consideradas as condições desiguais que perpassam a condição juvenil. Abramo (2010) apresenta como situações antagônicas:

- a) a coexistência de apelos à integração, constituídos por bens simbólicos e materiais apresentados pela sociedade de consumo, com a exclusão, definida pela dificuldade de acesso a esses bens;
- b) os avanços científicos, que possibilitam maior cuidado com a saúde e aumentam a longevidade, ao lado da violência que, ligada a variadas formas de criminalidade, atinge mais duramente os jovens, em especial os que vivem em regiões de maior vulnerabilidade social;
- c) a melhor formação educativa como requisito para aumentar as chances de qualificação para a disputa de empregos no mercado de trabalho cada vez mais restrito versus a não garantia de uma relação direta entre maior escolaridade e melhoria da vida.

A essas situações, acrescentamos a volatilidade do mercado de trabalho formal, a corrupção endêmica no país e, por fim, a criminalidade e o tráfico de drogas, que “disputam” com as famílias e as escolas o domínio sobre os jovens, mais uma vez os mais pobres, os que habitam territórios de maior vulnerabilidade, promovendo uma “inclusão às avessas”, inviabilizando exemplos e a vivência de valores éticos. Não se trata simplesmente de substituir antigos valores por novos. Trata-se de uma crise de valores, da destruição de certezas sem nada em troca, que leva ao viver em uma sociedade em que o limite entre o legal e o ilegal é praticamente inexistente.

Juventude e espaço escolar

O espaço escolar representa para os jovens um importante lugar de encontro, onde vão todos os dias, obrigados, incentivados ou por vontade própria. E é visto de maneira ambígua: “[...] ora se sobressai como um dos poucos lugares em que podem conviver com os amigos; ora revela-se como um lugar de conflitos, quer entre os próprios alunos, quer entre eles e os professores” (HUBNER et al., 2002, p. 124).

Os jovens trazem para a escola suas características e práticas sociais e um universo simbólico próprio que precisa ser entendido (DAYRELL, 2007). Na

escola, sem dúvida, vão se desenvolver o confronto e a acomodação entre os valores e visões de mundo dos diferentes grupos juvenis (intrageracional) e destes com os valores presentes na cultura e nas regras da instituição, representadas pelos adultos (transgeracional), o que, diga-se de passagem, é natural e saudável desde que não redunde em preconceitos e violência.

Confrontar diferentes valores para poder escolher o próprio caminho faz parte do processo de formação da personalidade. As diferentes formas de contestação adotadas pelos jovens demonstram que seu universo de informações está se ampliando juntamente com a capacidade de consciência de si e de julgamento crítico (CARVALHO; GROSBAUM; REGO, 2004).

A escola de ensino médio

A expansão do ensino médio no Brasil não caracteriza sua universalização nem igualdade de oportunidades, haja vista a alta porcentagem de jovens ainda fora da escola e a persistência dos altos índices de evasão, abandono e reprovação. Também permanecem como desafios a serem equacionados: conteúdos curriculares, formação e remuneração docente, infraestrutura, gestão escolar, investimentos públicos, dentre outros.

Não se pode negar o aumento expressivo de vagas para o ensino médio. A evasão e o abandono escolares persistem, seja por motivos sociais, familiares ou pessoais, seja pelo fato de a escola não conseguir mostrar-se interessante ao jovem. Esta última situação revela uma crise de legitimidade da escola que resulta não apenas da crise econômica ou do declínio da utilidade social dos diplomas, mas também da falta de motivação dos alunos em continuarem seus estudos (KRAWCZYK, 2009).

Um dado especialmente alarmante é a grande quantidade de jovens em idade de cursar o ensino médio (15-17 anos) que estão fora dele. Grosso modo, pode-se constatar:

- a não cobertura da demanda de matrículas, apesar de terem aumentado;
- a alta taxa de jovens que não concluem o ensino médio, pelo menos na idade esperada, o que está relacionado às altas taxas de abandono e evasão;
- a grande defasagem idade-série, sendo que muitos jovens que deveriam estar cursando o ensino médio ainda estão no fundamental;
- a enorme diferença em avaliações de larga escala entre as escolas federais e privadas, de um lado, e as escolas estaduais (ainda mais grave nas escolas rurais e no turno noturno), de outro.

Uma análise simplista nos levaria a pensar que o problema do ensino médio estaria centrado unicamente no fato de os jovens não terem interesse em estudar e não se responsabilizarem pelas atividades escolares. Ultrapassar essa visão de senso comum demanda repensar a escola, no sentido de desenvolver uma escuta mais aguçada das multiplicidades juvenis para saber quais expectativas e interesses estão exigindo inovações de práticas, de currículos e de modos de ensinar e de aprender. Como já fora apontado na Coleção Jovens e Escola Pública (HUBNER et al., 2002):

Na verdade, a fragmentação do ensino, o distanciamento entre os conhecimentos que a escola trabalha e a vida, a ausência de um posicionamento claro, transparente dos educadores frente aos acontecimentos que atingem a vida cotidiana da escola afastam o jovem das aulas e dos saberes intelectuais, pois quase tudo fica sem sentido para eles (HUBNER et al., 2002, p. 137).

O olhar do jovem sobre a escola

Abramovay e Castro (2003) detectaram uma forte percepção entre estudantes de ensino médio de que o diploma não era suficiente para qualificá-los para entrar ou progredir satisfatoriamente no mercado de trabalho. Os jovens não viam o ensino médio como mecanismo de mobilidade social, mas como meio de chegar a um patamar que lhes permitisse vislumbrar um futuro mais promissor.

Entendemos que continuar levantando e atualizando informações sobre as atitudes e percepções dos alunos em relação à escola é fundamental por três motivos. Primeiro, porque é a voz do jovem – o principal protagonista nessa história – que está sendo considerada. Segundo, porque as percepções dos alunos têm influência em seu aprendizado. Por fim, porque as condições proporcionadas pela escola e as relações interpessoais nela estabelecidas – que constituem o clima escolar – levam o aluno a atitudes mais positivas (ou mais negativas) com relação à instituição, aos professores e ao próprio aprendizado.

Destacamos a seguir três pesquisas recentemente realizadas no Brasil que visam captar a perspectiva dos jovens sobre a escola.

Torres et al. (2013) desenvolveram, em 2013, a pesquisa “O que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola”, que levanta os perfis de jovens de baixa renda e suas percepções sobre a escola. O estudo concentrou-se em um grupo de jovens de 15 a 19 anos, oriundos de áreas de baixa renda de duas metrópoles brasileiras (São Paulo e Recife) que haviam conseguido

ingressar no ensino médio em algum momento de sua vida. O público foi considerado relevante por duas razões principais: 1. é um grupo social que só recentemente começou a frequentar o ensino médio; 2. as escolas em que estudam são consideradas as mais problemáticas e desafiadoras do ponto de vista do sistema educacional de que fazem parte. Seguem algumas constatações a que chegaram os pesquisadores, lembrando que se trata de alunos de escolas consideradas “difíceis”:

- a escola é percebida como local relativamente desorganizado e inseguro, onde situações de “zoeira e bagunça” e episódios de conflito com os colegas são comuns, o que está relacionado à conservação da escola e às relações estabelecidas no ambiente;
- o aspecto mais destacado na experiência escolar são as relações de sociabilidade, mas é relativamente grande a proporção de jovens que frequentam a escola basicamente para conseguir o diploma;
- os professores são vistos com certa indulgência, como preocupados com os alunos e com a aprendizagem, mas, de fato, muitas vezes são figuras ausentes (grande porcentagem de alunos informou que, no dia anterior à pesquisa, não teve pelo menos uma aula das programadas para o dia);
- é comum a percepção da inutilidade de muitas disciplinas que cursam.

Por fim, os autores entendem que os atributos da escola percebidos pelos estudantes, tais como estado de conservação, engajamento docente, organização/desordem e segurança/insegurança têm a ver com a gestão das escolas, muito heterogêneas dentre as frequentadas pelos alunos ouvidos.

Souza e Vasquez (2015), na pesquisa “Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho”, analisaram as expectativas de jovens do ensino médio de escolas públicas em relação à continuidade dos estudos e à inserção no mercado de trabalho. As principais conclusões foram que: por um lado, os jovens pesquisados pretendem seguir estudando e ingressar no ensino superior; por outro lado, há desigualdades significativas de expectativas e avaliação de chances segundo as variáveis: autodefinição de raça; escolaridade e tipo de ocupação dos pais/responsáveis; autodefinição na estrutura de classes; experiência atual e anterior de trabalho.

Os autores entendem que tais desigualdades revelam a existência de um “teto de vidro” que reduz as chances de ingresso no ensino superior, principalmente em universidades públicas. Esse “teto de vidro” se encontra na dificuldade de conciliar estudo com trabalho, principal estratégia para obter o nível superior,

considerando os efeitos das políticas recentes de ampliação da oferta das vagas públicas e privadas.

Abramovay (2015) coordenou a pesquisa “Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?”, cujo diferencial é buscar os sentidos atribuídos ao cotidiano vivido por distintos jovens do ensino médio. Segundo os autores, resgata-se o “chão de vontades” que, além da obrigação, impulsiona os jovens a frequentar a escola, principalmente o fato de os professores terem o poder de animar (ou não) tais sentidos. Os professores são fonte de legitimidade e influência em projetos de vida dos jovens em suas trajetórias e escolhas. O enfoque em relações sociais, clima escolar, projetos de vida e sentidos da educação mostra que a escola tem potencial, ainda que não absoluto, para responder pela permanência ou abandono dos estudos pelos jovens.

PARTE 2: O QUE PENSAM JOVENS DO ENSINO MÉDIO

Nesta parte do artigo descrevemos os achados qualitativos de modo a responder à seguinte questão: O que pensam estudantes de ensino médio de estabelecimentos públicos localizados em territórios vulneráveis sobre escola, juventude e futuro? São utilizadas as seguintes chaves de análise: (i) o que é “ser jovem” na atualidade; (ii) finalidades do ensino médio; (iii) o ensino médio e o atendimento aos anseios dos jovens; (iv) o currículo do ensino médio e suas disciplinas; (v) o que faz com que os jovens gostem (ou não) das disciplinas, das aulas, dos professores e gestores escolares; (vi) o que sugerem para melhorar a escola; (vii) o que entendem sobre políticas públicas para a educação; (viii) a que atribuem os bons resultados da escola.

Lomonaco e Garrafa (2009) descrevem assim um território vulnerável:

Uma rodovia, dois córregos e uma linha de trem delimitam as bordas de uma comunidade da Zona Leste da cidade de São Paulo. Sem saneamento básico e rede de esgoto, o imprevisto das mangueiras que compõem o encanamento das casas explicita a relação paradoxal entre a criatividade e a vulnerabilidade social de seus moradores. Cada um deles traz ao espaço público os fios singulares de sua história, para tecer possibilidades de convivência familiar e comunitária na trama desagregada de um território, onde não há creche, Escola de Educação Infantil (EMEI), Unidade Básica de Saúde (UBS) e cobertura do Programa de Saúde da Família (PSF) (LOMONACO; GARRAFA, 2009, p. 27).

Em territórios vulneráveis, mais ou menos semelhantes ao perfil acima delineado, fomos entrevistar alunos de ensino médio. O resultado de entrevistas coletivas semiestruturadas realizadas com grupos de 10 a 15 alunos do 2o ano são apresentados adiante. Sem dúvida, em se tratando

de uma pesquisa qualitativa, temos claro que os depoimentos dos alunos entrevistados não representam todo o universo de alunos do ensino médio dos sistemas estaduais. Entretanto, nos dão um panorama do que pensam os jovens e trazem indícios dos elementos que interferem positivamente na relação deles com a escola.

Os estudos desenvolvidos na primeira parte deste artigo fundamentaram as considerações tecidas nesta segunda parte. Como referencial teórico de análise consideramos, em primeiro lugar, o conceito de representação social, para o qual concorrem noções procedentes da psicologia (como imagem e pensamento) e da sociologia (como cultura e ideologia). De acordo com Jodelet (1989 apud PEDRA, 1997, p. 20), a representação social, como “forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, tem um objetivo prático e concorre na construção de uma realidade comum a um conjunto social”. A representação não reflete somente o lugar do indivíduo na estrutura social, mas exprime também o modo como o próprio indivíduo toma consciência e responde à estrutura social.

Como a representação social pode ser entendida como uma forma de discurso, também ponderamos a análise do discurso em nossas considerações, entendida como “campo de conhecimento que relaciona a linguagem com o sujeito e conseqüentemente com as formas do saber” (ORLANDI, 1994, p. 54). Assim, as constantes e as contradições presentes nas falas dos estudantes entrevistados ajudaram-nos a identificar os sentidos que eles atribuem às questões que lhes foram propostas, considerando o contexto e o momento por eles vivido. Por vincular linguagem, sociedade e história, o discurso explicita sempre uma ideologia, entendida “como o imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existência” (ORLANDI, 1994, p. 56).

Ser jovem

“Ser jovem é ter interesse, curiosidade em buscar as coisas”.

“É estar em movimento, buscar coisas dinâmicas”.

“Significa sonhar, imaginar coisas. Um dia vou ser tal coisa, vou ter tal coisa. Essa imaginação te leva a alcançar seus objetivos e aqui (na escola) nós temos esse apoio”.

“Ser jovem é quando o mundo ainda não está nas suas costas, quando você ainda não sente o peso dele. Ser responsável e se divertir ao mesmo tempo.”

Considerando o que dizem os jovens participantes desta pesquisa, juventude é contradição. A condição jovem é uma situação controvertida e ameaçadora, ao mesmo tempo leve e descontraída. É uma fase, ao mesmo tempo, chata e

legal, boa e ruim. Ser jovem é...

- confuso porque há muita coisa a pensar sobre o que fazer no futuro, tomar decisões, arrumar emprego;
- “a melhor fase da vida” porque na escola fazem amizades e aprendem coisas novas;
- ruim porque aumenta a responsabilidade;
- um momento delicado de escolhas: “Temos que ter uma visão das escolhas e ter coerência com elas”;
- a fase de experimentos: “Quando a gente é jovem é possível errar. Adulto não pode errar. É hora de errar e aprender”.

O futuro

Em relação ao futuro, ser jovem é sonhar e investir em uma carreira profissional de sucesso, em ser feliz e independente e, como disseram dois alunos:

“Temos que aproveitar a oportunidade para fazer cursos.”

“É a hora de o aprendizado contribuir para as escolhas definitivas no futuro.”

A maioria dos jovens pensa em continuar estudando para alcançar, no futuro, bons empregos. Para isso, alimentam grandes expectativas em relação a programas governamentais: Programa Universidade para Todos (Prouni), Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), Sistema de Cotas^{4,5}, como oportunidade de acesso ao ensino superior.

A expectativa, o julgamento e a generalização do perfil dos jovens por parte dos pais, professores e sociedade são vistos como incômodo por eles, como se pode observar nos seguintes depoimentos:

“Ser jovem é difícil, porque o jovem tem opiniões diferentes dos pais e a sociedade só sabe criticar os jovens.”

“Existe um julgamento da sociedade, porque alguns jovens são violentos, acham que todos são, as pessoas generalizam.”

Por que estudar

Os alunos entendem que na sociedade atual estudar é um privilégio, pois agora

⁴ JODELET, D. Les representations sociales. Paris: PUF, 1989.

⁵ O sistema de cotas, também chamado ação afirmativa, ganhou visibilidade a partir da Lei Federal no 12.711/2012. É uma forma de reservar vagas, principalmente nas universidades, para determinados grupos de estudantes (autodeclarados pretos, índios, oriundos de escola pública e de baixa renda).

há regalias que no tempo de seus pais não existiam. É uma oportunidade que muitos jovens não têm ou não valorizam. Eles acreditam que a sociedade os vê como números. Então, depende deles próprios ter um olhar crítico para mudar suas vidas, precisam “correr atrás”. “Tudo está em nossas próprias mãos”, diz um aluno. Creem que, sem estudo, não há chance de a pessoa ter uma boa carreira. Estudam para adquirir conhecimentos, fazer faculdade, ter uma profissão, ter uma vida melhor que a dos pais e construir um futuro promissor.

O que aprendem na escola servirá para o próprio desenvolvimento intelectual, para melhorar o convívio em sociedade, para saber ouvir e para respeitar as diferenças.

Finalidades do ensino médio

O ensino médio é visto como exigência e cobrança da sociedade e como trampolim para estudos mais avançados. Os estudantes percebem que a maioria das pessoas não consegue emprego se não tiver o ensino médio, que é visto como base para atualização sobre as principais informações do mundo, para acompanhar a sociedade moderna e para alcançar o projeto de vida, que vislumbra a universidade.

Por fim, os jovens veem o ensino médio como uma oportunidade de não replicarem as dificuldades enfrentadas pelos pais: “Temos motivação e possibilidades de futuro melhores do que nossos pais”.

A maior parte dos estudantes acredita que o ensino médio atende aos anseios dos jovens quanto ao futuro, no que diz respeito a fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), cursar faculdade, conseguir uma bolsa de estudos e ter um bom futuro profissional.

O currículo do ensino médio e suas disciplinas

Neste item, os estudantes demonstraram clareza quanto às demandas sociais em relação às próprias perspectivas. Para alguns alunos, no currículo, há disciplinas mais importantes e outras menos importantes. As disciplinas de português e matemática são reconhecidas, via de regra, como as mais importantes, “porque são a base para qualquer aprendizado”.

Todas as disciplinas são importantes, mas o que o Enem e a sociedade vão cobrar da gente é português e matemática.

Por exemplo, diz um aluno: “Sociologia é importante, mas não tão importante

quanto língua portuguesa e matemática”. Diz outro: “Inglês é uma das matérias mais importantes e à que menos temos acesso”.

Para outros alunos, a importância dos assuntos vistos nas disciplinas é relativa, porque depende do interesse e do que cada um pretende fazer no futuro.

O que faz com que gostem (ou não) das disciplinas e das aulas [título tipo 2]

A preferência por algumas matérias se deve a dois fatores: o professor e a maneira como ele explica. As aulas são consideradas boas quando o professor as dinamiza e “não fica só passando teoria e colocando lição na lousa”.

Os alunos preferem aulas práticas (com a ressalva de que “aula prática não significa que é livre”), pois “aprendem outras linguagens”, e gostam de aulas com propostas diferenciadas, que estabelecem a relação entre teoria e prática, o que “facilita a aprendizagem”. Exemplificam: um professor de ciências que relaciona os conteúdos vistos na sala de aula com as práticas no laboratório; um professor de história que liga a história com a vida atual dos alunos. Valorizam os professores “que se importam muito com os alunos, pegam no pé, mas fazem os alunos aprenderem”.

Dança, teatro e campeonatos de educação física também são atividades que atraem e envolvem os jovens com a escola.

O que sugerem para melhorar a escola

Segundo os jovens, os professores têm papel fundamental na escola de qualidade. E aqui surge uma queixa com relação a alguns professores “que deveriam explicar melhor e falar para todos, não só para alguns alunos; não ficar apenas passando lição, mandando copiar e exigindo na prova o que não ensinaram”.

Na percepção de uma parte dos jovens, os professores já tiveram mais dificuldade em lidar com as novas tecnologias em sala de aula, mas com o tempo muitos foram adaptando a forma de ensinar às novas tecnologias, de modo a facilitar o aprendizado. Outros afirmam que há professores ainda apegados a “tecnologias antigas”, ficam mais na lousa e no giz, enquanto os alunos usam smartphone.

Políticas públicas para a educação

Os alunos desconhecem a expressão “políticas públicas”, mas falam sobre elas de modo indireto: quando inquiridos, falam sobre a possibilidade de obtenção de bolsas para continuar os estudos na universidade. Eles conhecem e pretendem utilizar todas as possibilidades de continuidade dos estudos, principalmente no acesso ao ensino superior.

Quanto à educação técnico-profissionalizante, diferentemente dos outros estados, em São Paulo há queixas de que deveria haver mais opções de estudos e mais oportunidades. Lembrando que, em São Paulo, o ensino técnico-profissionalizante é oferecido pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (Sedicti) por meio das Escolas Técnicas Estaduais (Etec), que fazem rigoroso exame de ingresso (e não pela Secretaria de Educação).

Professores e gestores

No geral, as relações da equipe escolar, principalmente professores, com os alunos costuma ser amigável. Os depoimentos revelam que os alunos se sentem valorizados e incentivados, pois podem participar e expressar o que pensam. Os professores ajudam a superar as dificuldades existentes e os diretores, em especial, têm papel essencial na instalação de um bom ambiente de trabalho e de estudos.

Os bons resultados da escola

Segundo os alunos, as escolas têm bons resultados porque os professores se preocupam com o aprendizado de todos.

“Os professores ensinam, eles não estão preocupados em vir aqui e só ganhar o salário deles, estão preocupados com a gente. Eles mostram as experiências de vida deles.”

“A escola tem bons resultados porque as aulas são boas, não tem muita bagunça, o grupo é pequeno, todos se conhecem. A escola é um centro que acolhe a todos.”

“Os professores se dedicam. Quando o aluno erra, eles dão conselhos, não ficam brigando, dão atenção aos alunos, discutem diferentes temas e pontos de vista sem choques. Há respeito.”

COMENTÁRIOS FINAIS

Na escuta aos jovens encontramos alguns elementos persistentes. O primeiro é a preocupação com o próprio futuro e com a realização pessoal. O ensino médio é visto como uma parte do caminho. Os jovens que participaram de nossa pesquisa explicitam o desejo de serem pessoas bem-sucedidas e profissionais satisfeitos com o tipo de trabalho/profissão que exercerão e se esforçam para conseguir o que almejam. O segundo é a clareza e consciência que os jovens têm das pressões, das cobranças e das demandas da sociedade sobre eles. O terceiro consiste no papel central atribuído ao professor no desenvolvimento do gosto pelo aprender. O quarto se refere às boas relações desenvolvidas na escola, que também contam como ponto positivo: diálogo, preocupação com o outro, clima de solidariedade, vínculos criados.

Por último, é persistente em suas falas a reprodução da ideologia do mérito e do dom, de que seu futuro depende unicamente do esforço individual. Como afirma um aluno: “O futuro está apenas em nossas próprias mãos”. Acreditam que, sem estudo, não conseguirão uma boa posição no mundo do trabalho. No entanto, parecem não ter claro que a perspectiva de se dedicar somente aos estudos até idade mais avançada, própria da classe média, está distante de seus horizontes, assim como está ausente a consciência de que a trajetória escolar ainda é um poderoso mecanismo de reprodução das desigualdades socioeconômicas e das relações de classe. Não transparece nos depoimentos a percepção de sua própria posição no universo maior das desigualdades sociais e econômicas do país, que cerceiam suas oportunidades futuras.

The condition of youth: youth and secondary education in Brazil

Abstract: This article treats the condition of youth, one of the aspects approached in the study *Ensino médio, educação profissional e desigualdades socioespaciais: avanços e desafios*, [Secondary Education, Vocational Education and Socio-Spatial Inequalities: Advances and Challenges] conducted by the Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária [Center for Studies and Research in Education, Culture and Community Action] (Cenpec) and the Tide Setúbal Foundation, from 2015 to 2016, in state secondary schools in the states of Ceará, Goiás, Pernambuco and São Paulo. The text begins by approaching theoretical and legal aspects concerning youth and secondary education and proceeds to analyze students' discourse and representations about school, youth and future, as surveyed by means of collective interviews. We found that young people do not receive cultural and social influences in a passive way, but rather by interpreting them in light of the values of the groups they belong to. This allows different ways of identity construction, which confirms that it is more adequate to speak about "youths", as there is not only one profile of Brazilian young people attending secondary schools.

Keywords: Youths. Vulnerable areas. School context. Public secondary education.

Condición joven: juventud y enseñanza media en Brasil

Resumen: Este artículo trata del tema “condición joven”, uno de los aspectos considerados en la investigación Enseñanza media, educación profesional y desigualdades socioespaciales: avances y desafíos, desarrollada por el Centro de Estudios e Investigaciones en Educación, Cultura y Acción Comunitaria (Cenpec) y la Fundación Tide Setubal entre 2015 y 2016 en escuelas estatales (provinciales) de enseñanza media en los estados de Ceará, Goiás, Pernambuco y São Paulo. El texto parte de la exploración teórica y legal sobre juventud y enseñanza media para analizar el discurso y las concepciones de los estudiantes sobre escuela, juventud y futuro, registradas mediante entrevistas colectivas. Se concluyó que los jóvenes reciben influencias culturales y sociales no de forma pasiva, sino interpretándolas según los valores de los grupos a los que pertenecen. Esto permite diferentes modos de construcción de identidad, lo que confirma que es más apropiado hablar de “juventudes” al no existir un único perfil de estudiante brasileño de enseñanza media.

Palabras clave: Juventudes. Territorios vulnerables. Contexto escolar. Enseñanza media pública.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Os jovens e a escola. [mimeo]. 2010.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. Ensino médio: múltiplas vozes. Brasília: Unesco/MEC, 2003. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000069.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

ABRAMOVAY, M. (Coord.). Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam? Brasília: Flacso-Brasil, OEI, MEC, 2015. Disponível em: <[LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.Pdf](#)>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 11 abr. 2016.

_____. Lei Federal no 13.005, de 25 de junho de 2014. Plano Nacional de Educação (PNE). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 11 abr. 2016.

_____. MEC-Inep. Portal do Ideb. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/o-que-e-o-ideb>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

CARVALHO, L.I.; GROSBAUM, M.W; REGO, T.C. (coord.). Ofício de professor: aprender mais para ensinar melhor. Programa de Educação a Distância para professores de 5a. a 8a. séries e ensino médio: cad. 1. O jovem, a escola e os desafios da sociedade atual. São Paulo: Fundação Vitor Civita, 2004.

COSTA, J. F. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, R.; VANUCHI, P. (Org.). Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

DAYRELL, J. Uma nova condição juvenil. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

_____. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C.L. (Org.). Juventude e ensino médio. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 101-133.

FARACO, C. E. et al. *Ofício de Professor – aprender mais para ensinar melhor* (Programa da Educação a Distância para professores de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio), v. 1 – O jovem, a escola e os desafios da sociedade atual. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2004.

FERNÁNDEZ ENGUITA, M. O educador na sociedade do conhecimento: problemas, oportunidades e desafios. In: ENCONTRO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 9., 2007, Águas de Lindoia. Caderno de Textos e Resumos... Águas de Lindoia: Unesp, 2007.

GARRAFA, T. C. Desenvolvimento local sustentável e ação social com famílias em contextos de vulnerabilidade social. In: GALEANO, P. (Org.). *Famílias e conexões territoriais – uma experiência no enfrentamento das desigualdades na zona leste de São Paulo*. São Paulo: Fundação Tide Setubal, 2016. p. 27-35.

HUBNER, R. M. et al. *Pertencer: subjetividade, socialização e saber*. São Paulo: Cenpec/Fundação Itaú Social, 2002. (Coleção Jovens e Escola Pública, 3).

IDOETA, P. A. Ensino médio testa saídas contra desinteresse e evasão escolar. BBC Brasil em São Paulo. Publicado em 4 ago. 2014. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140728_ensino_medio_pai>. Acesso em: 26 mar. 2015.

KRAWCZYK, N. *O ensino médio no Brasil*. São Paulo: Ação Educativa, 2009. (coleção Em questão, n. 6). Disponível em <http://www.observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/ensino-mc3a9dio-no-brasil-nora-krawczyk.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2016.

_____. (Org.). *Introdução – conhecimento crítico e política educacional: um diálogo difícil, mas necessário*. In: _____. *Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo: Cortez, 2014.

LEAL, L. *Educação profissional e ensino médio integrado no Brasil – um balanço das conquistas e reivindicações*. Fiocruz. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 20 dez. 2010. Disponível em <<http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=Noticia&Num=453>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2000.

LOMONACO, B. P.; GARRAFA, T. C. A complexidade da relação escola-família em territórios vulneráveis. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, n. 9, p. 27-38, 2009.

MAGALHÃES, J. Processos de construção social, movimentos autogestionários e consciência crítica. *ORG & Demo*, Marília, v. 5, n. 2, p. 229-246, 2004.

ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. Em *Aberto*, Brasília, ano 14, n. 61, p. 53-59, jan./mar. 1994.

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M. L. J.; KOLLER, S. H.; BARROS, M. N. S. (Org.). *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Brasília/Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 16-24.

PEDRA, J. A. *Currículo, conhecimento e suas representações*. Campinas: Papyrus, 1997.

SETUBAL, M. A.; BATISTA, A. A. G. (Coord.). *Informe de pesquisa – ensino médio, qualidade e equidade – avanços e desafios em quatro estados: CE, GO, PE e SP*. São Paulo: Cenpec/Fundação Itaú Social, mar. 2016. (versão preliminar).

SOUZA, D. C. C.; VAZQUEZ, D. A. Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 409-426, abr./jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015000200409>. Acesso em: 19 jul. 2016.

TODOS pela Educação. *Anuário Brasileiro da Educação Básica 2015*. São Paulo: Moderna, 2015. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/anuario_educacao_2015.pdf>. Acesso em: 24 set. 2015.

TORRES, H. G.; FRANÇA, D.; TEIXEIRA, J.; CAMELO, R.; FUSARO, E. *Relatório final: O que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola*. Projeto de pesquisa desenvolvido pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento/Cebrap, com apoio da Fundação Victor Civita. São Paulo: Cebrap/Fundação Victor Civita, 2013.

Sobre as autoras:

Marta Wolak Grosbaum é pedagoga e diretora da Ideias Educação e Cultura.

E-mail: mgrosbaum@gmail.com

Ana Maria Falsarella é doutora em Educação. Atua como professora do Mestrado em Educação: Processos de Ensino, Gestão e Inovação na Universidade de Araraquara.

E-mail: anafalsarella@gmail.com

Recebido em: maio de 2016

Aprovado em: junho de 2016